

ENTRE RELIGIÃO, CIÊNCIA E POLÍTICA: A PARÉNESE SEISCENTISTA DE FR. AMADOR DA CONCEIÇÃO

ENTRE RELIGION, SCIENCE ET POLITIQUE: LA
PARÉNÉTIQUE DU XVII^E SIÈCLE, L'EXEMPLE DE FRÈRE
AMADOR DA CONCEIÇÃO

Isabel Drumond Braga *

Correspondência

Rua Maria Andrade, 39, 3.º Dto.
Lisboa – Portugal. 1170-215.

E-mail: isabeldrumondbraga@hotmail.com

Resumo

Fr. Amador da Conceição, leitor de teologia, guardião de diversos conventos, confessor de várias casas religiosas e pregador, foi autor de diversos sermões, dos quais cinco conheceram o prelo. A partir da parénese impressa deste franciscano natural da cidade do Porto, procuraremos estudar aspetos como: a tipologia dos sermões de que foi autor, os textos enquanto portadores de informações quer biográficas quer ao nível da representação, bem como a parénetica entre o religioso, a mentalidade pré-científica e o político como um meio de disciplinamento social.

Palavras-chave: Fr. Amador da Conceição; parénetica; Portugal.

Résumé

Frère Amador da Conceição, lecteur en théologie, gardien de divers couvents, confesseur au sein de plusieurs maisons religieuses et prêcheur, fut l'auteur de plusieurs compositions parénétiqes, dont cinq ont fait l'objet d'une publication. À partir des textes imprimés de ce franciscain originaire de la ville de Porto, on il s'agira d'étudier des aspects tels que la typologie des sermons dont il est l'auteur, les textes en tant que porteurs d'informations à caractère biographique ou du point de vue de la représentation, et la parénetique entre le religieux, la mentalité pré-scientifique et le politique comme moyen de disciplinement sociale.

Mots-clés: Fr. Amador da Conceição; parénetique; Portugal.

* Doutora em História pela Universidade Nova de Lisboa. Professora da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

1. As homilias, as missões do interior, as exéquias, as ações de graças, os panegíricos dos santos e da Virgem, as canonizações, os aniversários da fundação de casas conventuais, as tomadas de hábito, os autos da fé, as procissões de resgate de cativos, as várias efemérides relativas à família real e bem assim todas as festas religiosas e litúrgicas, davam origem a sermões, o que explica a abundância deste tipo de textos, muitos dos quais tiveram honras de impressão, em especial durante os séculos XVII e XVIII,¹ o que não deve fazer esquecer a significativa, abundante e muito dispersa produção concionatória manuscrita.

Apesar da diversidade de sermões e das múltiplas possibilidades de abordagem, os estudos produzidos ao longo dos tempos não têm sido em grande número. Púlpitos, sermões e pregadores, matérias interligadas, nem sempre têm sido vistas como objetos de estudo motivantes. De qualquer modo, a parenética sido estudada em perspectivas diversificadas, designadamente do ponto de vista da literatura e na ótica da história. As duas abordagens articulam-se e completam-se de tal modo que não é possível estudar paréneses sem ter em conta os diferentes tipos de análises.

Cingindo-nos ao século XVII, no âmbito dos estudos literários pensemos em autores como Maria de Lurdes Belchior Pontes, Aníbal Pinto de Castro e, mais recentemente, no trabalho de Belmiro Fernandes Pereira,² sem esquecer todos os que se empregaram no conhecimento do padre António Vieira, na sua faceta de pregador. A primeira autora dedicou-se ao levantamento dos sermões seiscentistas³ e ao estudo da parenética do exacerbado frei António das Chagas,⁴ enquanto o segundo optou pela teorização da produção literária barroca.⁵ Uma cronologia anterior foi objeto de aprofundado estudo levado a efeito sobre a retórica medieval e a retórica renascentista, por parte do referido Belmiro Fernandes Pereira permitindo avaliar continuidades e alterações durante o século XVII. Por seu lado, a figura do padre António Vieira

¹ Veja-se a lista dos sermões impressos entre 1619 e 1716 estabelecida por PONTES, Maria de Lourdes Belchior. *A Oratória Sacra em Portugal no século XVII segundo o Manuscrito 362 da Biblioteca Nacional de Lisboa*. Coimbra: [s.n.], 1961. Era comum a publicação de sermões, quer avulsos quer em conjunto, o que poderia traduzir não só o interesse por este tipo de textos entre a população culta como, e sobretudo, ser entendido como sintoma de crise e de alteração política. Por outro lado, essas publicações, de custo acessível, não deixavam de ser procuradas pelos próprios pregadores que assim se muniam de exemplos de fácil imitação. Se tivermos em conta os anúncios de livros aparecidos na *Gazeta de Lisboa*, entre 1715 e 1750, podemos verificar que das 2094 obras a que o periódico fez referência 224 eram sermões (entre espécimes avulsos e sermonários), o que representou 18,3 % dos livros de temática religiosa e 10,7 % do total das obras publicitadas. Cf., respetivamente, MARQUES, João Francisco. Lisboa Religiosa na Segunda Metade do século XVII. In: *Bento Coelho e a Cultura do seu Tempo 1620-1708*. Lisboa: Ministério da Cultura, Instituto Português do Património Arquitectónico, 1998, p. 162 e BRAGA, Isabel M. R. Mendes Drumond. As Realidades Culturais. In MENESES, Avelino de Freitas (Coord.). *Portugal da Paz da Restauração ao Ouro do Brasil*. Lisboa: Presença, 2001, p. 465-565.

² PEREIRA, Belmiro Fernandes. *Retórica e Eloquência em Portugal na Época do Renascimento*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2011.

³ PONTES, Maria de Lourdes Belchior. *A Oratória Sacra em Portugal*, *Op. cit.*

⁴ PONTES, Maria de Lourdes Belchior. *Frei António das Chagas*. Um Homem e um Estilo do século XVII. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1953.

⁵ CASTRO, Aníbal Pinto de. *Retórica e Teorização Literária em Portugal*. Do Humanismo ao Neoclassicismo. Coimbra: Centro de Estudos Românicos, 1973.

tem despertado interesse em investigadores nacionais e estrangeiros, dando origem a uma produção em quantidade e de valor muito diferenciado.⁶

Na ótica da História, recordemos que a descoberta do potencial dos sermões para o estudo das resistências e consolidações políticas⁷ foi feita por João Francisco Marques, que se dedicou à análise das peças oratórias produzidas durante o período dos Filipes (1580-1640),⁸ nas quais alguns pregadores fizeram críticas veladas à governação filipina e, em trabalho de maior envergadura, aos sermões publicados durante o período da Restauração,⁹ os quais ajudaram a consolidar a nova situação política, no contexto da afirmação da independência portuguesa. Ou seja, neste tipo de parénese esteve em causa o recurso ao ambo como arma política.

Em outra perspetiva, os sermões pregados por ocasião de diferentes efemérides relacionadas com a família real – nascimentos, casamentos, aniversários, doenças e mortes – apresentam importantes informações, quer biográficas quer ao nível da representação, funcionando como instrumentos de carácter político. Ora, para parte da Época Moderna, tais temáticas já tiveram cultores.¹⁰ Lembremos um sermão específico após a morte de Filipe III que deu origem a um artigo de Francis Cerdan,¹¹ as peças parenéticas pregadas após as mortes das consortes dos Filipes estudadas por Ana Isabel López-Salazar,¹² e os sermões proferidos por ocasião das exéquias da família real ocorridas durante os reinados de D. João IV, D. Afonso VI e D. Pedro II,

⁶ Realce para a obra de MENDES, Margarida Vieira. *A Oratória Barroca de Vieira*. Lisboa: Caminho, 1989. Cf. a extensa bibliografia publicada acerca deste jesuíta em *Padre António Vieira, 1608-1697. Bibliografia*, coordenação de José Pedro Paiva, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1999 e *Padre António Vieira. Bibliografia 1998-2008*, coordenação de Jorge Couto, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2009.

⁷ O mesmo também pode ser verificado para Castela, quando da revolta dos *comuneros*. Cf. PÉREZ, Joseph. Moines Frondeurs et Sermons Subversifs en Castilla pendant le Premier Séjour de Charles-Quint en Espagne. *Bulletin Hispanique*, tomo 67, fasc. 1-2, Bordéus, 1965, p. 5-24.

⁸ MARQUES, João Francisco. *A Parenética Portuguesa e a Dominação Filipina*. Porto: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986.

⁹ MARQUES, João Francisco. *A Parenética Portuguesa e a Restauração 1640-1668*. 2 v. Porto: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1989.

¹⁰ Sobre a oratória fúnebre em outros espaços europeus, cf., por exemplo, ALLEMANO, Romano. *Oratori Sacri del Seicento*. Antologia di Temi e di Motivi dell'Eloquenza Religiosa Barroca. Turim, Tesi di Laura in Letteratura Italiana, Università degli Studi di Torino, Facoltà di Lettere e Filosofia, 1968, p. 423-433; PETEY-GIRARD, Bruno. Parler des Morts, Parler de Soi. Remarques sur la Place du Sujet dans les Harangues Funèbres. In EICHEL-LOJKINE, Patricia (Dir.). *De Bonne Vie s'Ensuit Bonne Mort. Récits de Mort, Récits de Vie en Europe (XV^e-XVII^e siècle)*. Paris: Honoré Champion, 2006, p. 169-182; SHAMI, Jeanne. Women and Sermons. In: McCULLOUGH, Peter; ADLINGTON, Hugh; RHATIGAN, Emma (Dir.). *The Oxford Handbook of the Early Modern Sermon*. Oxford: Oxford University Press, 2011, p. 155-177.

¹¹ CERDAN, Francis. L'Oraison Funèbre du Roi Phillippe II de Portugal (Philippe III d'Espagne) par Frei Baltasar Paez en 1621. *Arquivos do Centro Cultural Português*, v. 31, Lisboa, Paris, 1992, p. 151-170.

¹² LÓPEZ-SALAZAR, Ana Isabel. 'May de Lisboa e dos Portuguezes Todos'. Imagens de Reinas en el Portugal de los Felipes. In: MARTÍNEZ MILLÁN, José; LOURENÇO, Maria Paula Marçal (Dir.). *Las Relaciones Discretas entre las Monarquías Hispana y Portuguesa: La Casa de Las Reinas (siglos XV-XIX)*. v. 3. Madrid: Polifemo, 2008, p. 1749-1776.

cujo estudo permitiu a realização de uma dissertação de Mestrado da autoria de Euclides dos Santos Griné.¹³ Outros sermões motivados por acontecimentos importantes para a família real foram igualmente objeto de atenção, pensemos, por exemplo, nos que se referiram à Rainha consorte D. Maria Francisca Isabel de Saboia.¹⁴

2. Em Portugal, o século XVII é, por excelência, o período áureo da sermônica.¹⁵ E se, consensualmente, o nome que mais se destacou foi o do padre António Vieira, muitos outros pregadores, de várias famílias religiosas e de qualidade diferenciada, fizeram ouvir as suas vozes através dos púlpitos. As palavras que utilizaram na oralidade, ou mais precisamente as que escolheram para dar ao prelo, chegaram até ao nosso conhecimento, uma vez que parte da parénese pregada foi publicada. Tal é o caso dos sermões de frei Amador da Conceição, um franciscano pouco conhecido pela sua obra impressa, tanto mais que se alheou às referidas críticas ao governo dos Filipes e se mostrou indiferente ao apoio à dinastia de Bragança, iniciada por D. João IV, ao contrário de outros pregadores seus contemporâneos.

A parénese era diversificada e, conseqüentemente, servia vários propósitos. João Francisco Marques tipificou-a, considerando a pregação ordinária ou pastoral, de carácter pedagógico, dirigida à educação para a fé, que estava a cargo de bispos e párocos no exercício das suas atividades de pastores e que tinha como subgéneros o sermão catequético e o sermão homiliético e a pregação extraordinária que compreendia o sermão propriamente dito com os subgéneros: encomiástico (panegírico e oração fúnebre), deprecatório (prece), eucarístico (ação de graças) e gratulatório (regozijo).¹⁶ Neste texto, pretendemos proceder ao estudo dos cinco sermões impressos da autoria de frei Amador da Conceição, os quais se mostraram modestos mas, mesmo assim, de temáticas diversas, sendo de destacar as reflexões tecidas acerca do exercício do poder, quer por parte de leigos quer de religiosos.

Frei Amador da Conceição nasceu no Porto em data que se desconhece e faleceu em Tomar, no ano de 1709. Ingressou na Ordem dos Frades Menores e exerceu o cargo de guardião dos conventos de Santa Cita (Tomar), São Francisco (Covilhã) e de São Francisco (Leiria). Foi confessor em várias casas femininas e masculinas da sua família religiosa, designadamente nos conventos de Santa Clara (Figueiró), da Esperança (Abrantes), de Nossa Senhora dos Poderes (Vialonga), de

¹³ GRINÉ, Euclides dos Santos. *A Construção da Imagem Pública do Rei e da Família Real em Tempo de Luto (1649-1709)*. Dissertação (Mestrado em História Moderna) – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra, 1997.

¹⁴ BRAGA, Isabel M. R. Mendes Drumond; BRAGA, Paulo Drumond. *Dois Rainhas em Tempo de Novos Equilíbrios Europeus*. Maria Francisca Isabel de Saboia. Maria Sofia Isabel de Neuburg. [Lisboa]: Círculo de Leitores, 2011, p. 175-179.

¹⁵ Cf., a este respeito, MARQUES, João Francisco. Oratória Sacra ou Parenética. In AZEVEDO, Carlos Moreira de (dir.). *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. v. 4. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa, 2001, p. 471.

¹⁶ MARQUES, João Francisco. Oratória Sacra ou Parenética, *Op. cit.*, p. 471.

Santa Iria (Tomar) e de São Francisco (Tomar). Foi ainda lente de teologia e pregador.¹⁷

Apesar das preocupações e das exigências com a formação dos pregadores, da vigilância exercida sobre os mesmos e até do castigo de alguns prevaricadores e, não obstante, a regulamentação das matérias e das formas de levar a efeito a parênese, incluindo as indicações sobre as fontes autorizadas – as Sagradas Escrituras, os comentários bíblicos, os Padres da Igreja e alguns textos de espiritualidade –, e tudo o que deveria ser obrigatoriamente banido – anedotas, fábulas, historietas humanas e até disputas sobre heresias mesmo que com o fim de as combater¹⁸ – as fontes indiciam interpretações claras e interpretações errôneas por parte dos fiéis, muitas vezes bastante ignorantes mas nem sempre isentos de alguma argúcia intelectual.¹⁹ Ora, no caso de frei Amador da Conceição nada sabemos da sua formação, embora se encontre uma pequena nota autobiográfica num dos seus sermões. Trata-se do *Sermam do Glorioso Martyr Sam Sebastiam pregado na Capella Real, aos 20 de Janeiro do anno de 1670*, no qual referiu que era pregador há três anos, o que nos indica que obtivera licença em 1667.²⁰

A obra impressa deste franciscano consistiu em cinco sermões pregados entre 1670 e 1706. Três em Tomar, um em Alenquer e um outro em Lisboa, concretamente na capela real, com a assistência da Corte. As peças parenéticas oscilaram entre as 20 e as 32 páginas e foram todas impressas em Lisboa, embora por diferentes casas, designadamente nas oficinas de Domingos Carneiro, Manuel e José Lopes de Almeida, Manuel Rodrigues de Almeida e Miguel Manescal. Um dos sermões conheceu uma segunda edição, tratou-se do que se referiu ao mártir São Sebastião, pregado em Lisboa, em 1670. Na primeira saiu, nesse mesmo ano, dos prelos de Domingos Carneiro e na segunda, em 1686, dos de Manuel Rodrigues de Almeida. Neste caso, teve 16 páginas e foi impresso à custa de João Antunes, mercador de livros. Não apresentou nem dedicatória nem licenças e o restante texto manteve-se inalterado.²¹

¹⁷ MACHADO, Diogo Barbosa. *Bibliotheca Lusitana*. t. 1. Coimbra: Atlântica Editora, 1965; OLIVEIRA, Américo Lopes de. Amador da Conceição, OFM. In: ANDRADE, António Alberto Banha de (Dir.). *Dicionário de História da Igreja em Portugal*. v. 1. Lisboa: Resistência, 1980, p. 191-192.

¹⁸ Sobre estas questões, cf. MARQUES, João Francisco. Oratória Sacra ou Parenética, *Op. cit.*, p. 486.

¹⁹ Cf. BRAGA, Paulo Drumond. *A Inquisição nos Açores*. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1997, p. 327; MARQUES, João Francisco. Oratória Sacra ou Parenética, *Op. cit.*, p. 488; PAIVA, José Pedro Paiva. Episcopado e Pregação no Portugal Moderno: Formas de Actuação e de Vigilância. *Via Spiritus*, Porto, n. 16, 2009, p. 42-43.

²⁰ CONCEIÇÃO, Frei Amador da. *Sermam do Glorioso Martyr Sam Sebastiam pregado na Capella Real, aos 20 de Janeiro do anno de 1670 em a solemnidade da Confraria da Corte que instituiu El Rey Dom Joam III pello [...] dedicado ao Illustrissimo Senhor Luis de Sousa do Conselho de S. A. seu Capelam Mor Bispo Eleito de Martyria, Deão da Se do Porto e Governador do seu Bispado*. Lisboa: Oficina de Domingos Carneiro, 1670. Teve uma segunda edição em 1686.

²¹ CONCEIÇÃO, Fr. Amador da. *Sermam do Glorioso Martyr Sam Sebastiam*, *Op. cit.*

Quadro. Locais e Datas dos Sermões Impressos da Autoria de Frei Amador da Conceição

Localidade	Local de Pregação	Oferecido	Local de Impressão	Data	Páginas
Lisboa	Capela Real	Luis de Sousa (conselho do Rei)	Lisboa	1670	20
Tomar	Mosteiro de Santa Iria	-	Lisboa	1688	28
Tomar	Convento de São Francisco	-	Lisboa	1688	32
Tomar	Santa Casa da Misericórdia	Simão Coelho Torresman (provedor)	Lisboa	1688	28
Alenquer	Convento de São Francisco	Frei Francisco de São Boaventura (provincial)	Lisboa	1706	28

Podemos considerar que os cinco sermões se dividem por três áreas: religião (naturalmente comum a todos os sermões), ciência (apesar do abuso da utilização desta designação antes do século XVIII) e política. De qualquer modo, estamos perante textos que visaram através do exemplo e de uma certa pedagogia do medo fornecer normas para os fiéis se comportarem de acordo com os ensinamentos da Igreja, sem que nada os distinga de tantos outros pregados na mesma época.

3. Em 1688, dois anos após ter sido pregado,²² frei Amador da Conceição publicou o *Sermam das Almas pregado em o Convento de Sam Francisco da Villa de Thomar, nos sufragios anuais que fazem os Irmãos da Terceira Ordem por seus Irmãos defuntos, sendo Ministro da mesma Ordem o Doutor Bertolameu da Fonseca Garcia em o anno de 1686*.²³ Nesta peça parenética, encomendada pelo braço leigo da Ordem de São Francisco, motivada pela necessidade de recordar as almas dos irmãos defuntos, as reflexões incidiram sobre as ações em vida, entendidas como responsáveis pelo destino das almas após a morte. Assim, as culpas e o castigo dos pecados poderiam ser atenuados através dos sufrágios, após uma passagem pelo purgatório, de modo que a salvação fosse conseguida independentemente do tempo em que as penas atormentassem as ditas almas. De qualquer modo, o pregador pretendeu tocar vivos e mortos:

Dois hão-de ser ou dois devem ser os sermões a que hoje se obriga o pregador: há-de pregar das almas e há-de pregar às almas, mas não sei em que almas entrará melhor o sermão, se nas almas que me

²² Note-se que em alguns casos os sermões demoravam algum tempo a ser publicados, designadamente os que eram pregados no Brasil e os que não se relacionavam com efemérides relativas à Casa Real. Cf. GRINÉ, Euclides dos Santos. *A Construção da Imagem Pública do Rei e da Família Real*, Op. cit., p. 113.

²³ CONCEIÇÃO, Fr. Amador da. *Sermam das Almas pregado em o Convento de Sam Francisco da Villa de Thomar, nos sufragios anuais que fazem os Irmãos da Terceira Ordem por seus Irmãos defuntos, sendo Ministro da mesma Ordem o Doutor Bertolameu da Fonseca Garcia em o anno de 1686*. Coimbra: Oficina de Manuel Rodrigues de Almeida, 1688.

ouvem pregar da sua vida se nas almas que já experimentaram a nossa morte. Desejava eu que umas e outras assim as que estão nos corpos, como as que estão em penas se falassem hoje para ouvirem este sermão, e eu asseguro que ficasse o auditório tão desenganado da sua vida quanto se engana hoje com o pregador²⁴ [...] “sentem as almas no purgatório as penas e também se lembram no purgatório das culpas, mas ainda que tiveram olhos para ver as penas, não haviam de sentir tanto as penas vistas com os olhos, como sentem culpas recordadas na memória. Pelas culpas se lembram da ofensa que a Deus fizeram, pelas penas se chegam a Deus, que as castiga; afastavam-se de Deus pelas culpas, chegando-se agora a Deus pelas penas; e tem mais queixas a memória, quando se lembra dos retiros da alma, que lhe fazia a culpa. Nem tem tantas queixas a memória, quando se lembra das uniões da alma que lhe faz pena, porque as penas faziam a alma fugitiva de Deus, as penas fazem com que para Deus se chegue a alma²⁵ [...] se a memória das almas se lembra para maior tormento, também é justo que façamos memória do seu tormento para lhe dar alívio, a sua memória pode ser que se lebre com queixas, porque a nossa memória se lembre com sufrágios. Queixem-se no purgatório, ou supomos que vivem queixosas, assim como no inferno vivem queixosas as almas, mas suposto as do inferno tenham mais razões de sentimento porque no purgatório vivem com esperanças, no inferno com desesperações; e é maior o tormento daqueles onde uma esperança atormenta não é tão grande o tormento daqueles onde uma desesperação aflige.”²⁶

Frei Amador da Conceição realçou ainda outras ideias, designadamente a articulação entre o conhecimento e o sofrimento, ao considerar que “o mais entendido é o que mais padece”.²⁷ Dissertou depois sobre a importância do papel dos sufrágios para libertar as almas dos que faleceram: “duas coisas alcançamos no sufrágio das almas: alcançamos para as almas o céu, alcançamos para nós o prémio; os sufrágios não são para nos livrar a nós de prisões porque ainda temos liberdade, são para aliviar de prisões as almas porque vivem cativas”.²⁸ Em seguida, insistiu no que considerou serem os três grilhões que prendem as pessoas ao mundo: formosura, privança e honra, para concluir que todos eram iguais perante a morte: “o senhor e o escravo, o príncipe e o escravo”.²⁹ Conclui referindo-se aos que encomendaram o sermão, os irmãos da terceira ordem da penitência: “pois descuidando os homens da penitência, fez com que na terceira ordem da penitência se lembrassem do mundo que há-de ser e já experimentamos, assim o advertimos também nestes sacrifícios pois se lembra neles a terceira ordem das almas do outro mundo”.³⁰

O tema de um outro sermão, pregado e publicado no mesmo ano de 1688, não se afastou muito deste primeiro. Em tempo quaresmal não se estranha que o

²⁴ CONCEIÇÃO, Fr. Amador da. *Sermam das Almas*, *Op. cit.*, p. 1.

²⁵ *Ibidem*, p. 8.

²⁶ *Ibidem*, p. 9-10.

²⁷ *Ibidem*, p. 12.

²⁸ *Ibidem*, p. 21.

²⁹ *Ibidem*, p. 26.

³⁰ *Ibidem*, p. 30.

*Sermam de Quarta Feira de Cinza pregado em a Santa Casa da Misericórdia da Villa de Thomar*³¹ tenha aludido e insistido na pequenez humana, ao mesmo tempo que salientou o papel do pregador, em especial a sua capacidade de tocar o auditório:

que fossemos pó antes em Adão o vimos, que sejamos pó depois, todas as horas o vemos nessas sepulturas. Mas que sejamos pó agora? Agora que Deus me deu ser, que me deu alma, que me trouxe ao mundo, que me aplicou entendimento e finalmente que me deu vida, agora sou pó? Agora sou outro e não este? Agora sou o que hei-de ser e não sou o que sou? Rigorosa sentença para a podermos crer! A resposta desta dúvida tão difícil, como certa, será todo o argumento do sermão, queira Deus vos desenganeis com ela, assim como vos enganais convosco e se os pregadores pedem a graça para dizer depois do sermão que pregaram bem, eu não quero hoje pedir a graça para mim, quero pedir a graça para vós, quero somente dizer a Deus no fim do sermão que ouvistes bem e que vos conhecestes bem, para isso peço a graça, dissei uma ave-maria.³²

Partindo da premissa que o homem é pó, todas as ações humanas deveriam ser orientadas e moldadas de maneira a que cada um conhecesse e combatesse as suas fraquezas, das quais destacou a vaidade, exortando ao combate dos defeitos para que a alma se pudesse salvar, comparando o homem ao mar, na serenidade e na fúria:

o homem soprado da vaidade é como o mar: sem vento todos vêm que é o mar, logo lhe conhecem as alturas e os fundos, logo descobre as areias e restingas, mas se o vento o começa a mover, as ondas parecem serras e as águas espumas e vindo bater às rochas mais vizinhas dá tantos bramidos que já não é mar é trovão, já não são águas do mar, são conquistas da terra. Isto sois os homens senão a vaidade que vos sopra, todos conheceis o vosso pó, mas se o vento da vaidade vos altera cuidais que a vossa natureza é de bronze e é cinza, cuideis que o vosso corpo é de carne e sangue para viver e é de barro para quebrar, cuidais que este dia de saúde é seguro para viver amanhã e o mesmo vento vos arrebatava como pó³³ [...] para dispor a batalha estão todas as horas fazendo sinal as trombetas do púlpito e os sinos dos campanários, se o nosso pó não se resolve ao som destes clarins entra a morte nos quarteis da vida e sem preparação nos mata de repente; mas se o nosso pó se resolve, se ao som dos clarins sai a campo, basta o nosso pó para resolver o pó da morte. Neste caso podemos dizer à morte o que ela nos diz a nós: há-de resolver em pó, morte viva [...], pois me resolvi a mim com este pó mortal.³⁴

³¹ CONCEIÇÃO, Fr. Amador da. *Sermam de Quarta Feira de Cinza pregado em a Santa Casa da Misericórdia da Villa de Thomar pelo [...] oferecido a Simann Coelho Torrezman, provedor da mesma Casa da Misericórdia, neste presente anno de 1688*. Lisboa: Oficina de Miguel Manescal, 1688.

³² *Ibidem*, p. 6-7.

³³ *Ibidem*, p. 7-8.

³⁴ *Ibidem*, p. 14.

Frei Amador da Conceição mostrou-se naturalmente empenhado em fornecer dados para os ouvintes refletirem e conduzirem as suas condutas de forma a serem bons cristãos. Nesse sentido, recorreu ainda ao exemplo de um produto, o sal, enquanto símbolo da preservação,³⁵ para tentar demonstrar que se o mesmo é corruptível ainda mais o é o Homem:

o sal para ter natureza de sal, ajuda-se de todos os quatro elementos: da água que o faz salgado, do calor que o faz pedra, do ar que o purifica e da terra que o aparta das águas para o fazer sal; mas todos estes quatro elementos que lhe dão vida lha tiram; porque o mesmo fogo o estala, o mesmo ar o humedece, a mesma água o desfaz e a mesma terra o esteriliza. Lembrem-se logo os homens muito desta estátua, que se os quatro elementos que dão vida ao sal estes mesmos lha tiram, também os quatro elementos de que os homens se sustentam estes mesmos os matam. Ah mortais!³⁶

Face à precariedade da vida e à incerteza da redenção, para obter esta, restava aos homens as boas obras. E, nesta conformidade, enumerou os legados testamentários destinados a obras pias, as esmolas aos pobres, os dotes para as órfãs. Mas, mesmo assim, importaria ter prudência, na medida em que nada estava garantido de antemão:

os legados pios, as capelas com missas de todos os dias, o vestuário de tantos pobres em todos os anos, o dote para a órfã, o cómodo para o desamparado, tudo isto são boas obras, que testamos por morte. Como pode ser logo que depois da nossa morte se siga juntamente o inferno, quando não tivermos feito estas ou outras boas obras antes? A resposta desta vossa dúvida está em uma só palavra. Se Deus quando morreis tem respeito a estas boas obras que deixais em testamentos e vos não condena pelos pecados, aproveitam-vos as boas obras de depois, mas se Deus não perdoa no instante da morte, tendo respeito aos sufrágios que se hão-de fazer depois, nem antes nem depois vos poderão valer as boas obras.³⁷

No século XVII, a época da revolução científica e das academias, defendeu-se que os fenómenos naturais podiam ser descritos mediante os conceitos e os métodos científicos. Nascia a ciência em oposição à teologia com pretensões sistemáticas e totalizantes. Isto é, estudar os fenómenos naturais significava produzir conhecimento em oposição a ficar esclarecido sobre a essência e a vontade de Deus.³⁸

³⁵ DIAS, Geraldo J. A. Coelho. O Sal e sua Ambivalente Dimensão: Sabor de Comida e Símbolo de Preservação Religiosa. In: *I Seminário Internacional sobre o Sal Português*. Porto: Instituto de História Moderna da Universidade do Porto, 2005, p. 339-348.

³⁶ CONCEIÇÃO, Fr. Amador da. *Sermam de Quarta Feira de Cinza*, *Op. cit.*, p. 17.

³⁷ *Ibidem*, p. 21.

³⁸ Sobre estas matérias cf., por exemplo, ROSSI, Paolo. O Cientista. In: VILLARI, Rosario (Dir.). *O Homem Barroco*. Lisboa: Presença, 1994, p. 229-250; GRENET, Micheline. *La Passion des Astres au XVII siècle*. De l'Astrologie à l'Astronomie. Paris: Hachette, 1994.

Abriam-se duas vias diferentes: como funcionava o universo, suscetível de ser explicado pela ciência e porque funcionava desta ou daquela maneira, objeto da teologia.

Porém, entre os que se mantinham alheios aos novos saberes, contaram-se os que continuaram a entender todas as manifestações naturais, cujas explicações desconheciam, como desígnios de Deus, enviados para castigar os homens pelos seus pecados. Nesse sentido, a falta ou o excesso de chuva, as pragas de insetos, os surtos de peste ou, como no caso em apreço, a queda de raios, eram instrumentos coercivos divinos suscetíveis de verem os seus trajetos alterados por intercessão de terceiros, neste caso de Santa Iria. Recorde-se que esta santa é uma mártir lendária que teria vivido numa inexistente cidade de Nabância e que teria sido assassinada junto ao rio Nabão, enquanto orava, por ter recusado os pretendentes e entrado em religião, concretamente numa quimérica casa de monjas beneditinas do século VII. Um dos apaixonados preteridos engendrou um plano para a desacreditar, dando-lhe uma poção que a fez parecer grávida, acabando por ser morta por um outro, no ano de 653. Bem mais tarde, já documentado em 1467, no local do martírio, houve um recolhimento de beatas e, em 1523, deu-se a fundação do convento de clarissas.³⁹

As manifestações climáticas desfavoráveis levavam o Homem a agir apelando à misericórdia de Deus. Em troca as pessoas ofereciam orações, integravam procissões e visitavam santuários, pedindo chuva ou bom tempo, agradecendo terem sobrevivido a tempestades marítimas, terem obtido boas colheitas ou terem ficado incólumes, tal como os seus bens, a qualquer perigo como um sismo ou um raio.⁴⁰ Quando assim acontecia, as manifestações de gratidão podiam passar pela parenética. Neste contexto, não se estranha o posicionamento de frei Amador da Conceição perante a tragédia que as clarissas de Tomar, residentes no mosteiro de Santa Iria, quase padeceram. Na verdade, trata-se de um sermão de ação de graças,⁴¹ depois de as religiosas terem escapado à morte, semelhante a outros que igualmente no século XVII saíram dos prelos por motivos afins, caso de um, publicado em 1629, motivado por um raio que caiu em Lisboa, na rua dos Cónegos, no ano de 1624.⁴²

³⁹ Ao longo dos séculos foram sendo fornecidas informações sobre esta lenda. Para o século XVII, cf. a notícia dada por CARDOSO, Jorge. *Agiolégio Lusitano*. Fac-símile, t. 1. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002, p. 477. Sobre a lenda e a sua desmitificação, cf. MATA, Luís. O 'Cais' de Santa Iria. Uma Reflexão sobre uma Velha Questão. *Revista Lusófona de História das Religiões*, Lisboa, n. 11, 2007, p. 271-293.

⁴⁰ Sobre este tipo de problemas são expressivos os estudos sobre certos santuários, cf., por exemplo, BRAGA, Isabel M. R. Mendes Drumond. *O Mosteiro de Guadalupe e Portugal (séculos XIV-XVIII)*. Contribuição para o Estudo da Religiosidade Peninsular. Lisboa: Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1994; *Idem*. Milagres de Nossa Senhora de Montserrat num Códice da Biblioteca Nacional de Lisboa. *Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian*, v. 33, Lisboa-Paris, 1994, p. 663-721.

⁴¹ CONCEIÇÃO, Fr. Amador da. *Sermam pregado no Mosteiro de Santa Eria, e das religiosas de S. Clara da Villa de Thomar, em acção de graças, que todos os annos se celebra no proprio dia que Deos fez merce às religiosas de as livrar do formidavel rayo, que cahio no mosteiro e se desvaneeo em o lago aonde S. Eria padeceo o seu martyrio*. Lisboa: Oficina de Miguel Manescal, 1688.

⁴² Veja-se o caso de TOMAR, frei António de. *Sermam pregado na Sancta See de Lisboa em 18 de Setembro de 1628 [...] em Memoria do Milagre do Rayo que Cahio na rua dos Conegos desta Cidade no anno de 1624*. Lisboa: Oficina de António Álvares, 1629.

Efetivamente, em 1688, foi publicado o sermão pelo qual se assinalou a sobrevivência da casa e da comunidade das clarissas residentes no mosteiro de Santa Iria, o qual fora atingido por um raio, em data desconhecida mas anualmente lembrada. Durante uma tempestade, o referido raio atingiu o mosteiro de Santa Iria sem causar estragos no convento. O acontecimento foi entendido como obra miraculosa. Santa Iria, cuja lâmpada de amor estaria acesa no céu, havia protegido a casa sob a sua invocação. Desde logo, o pregador entendeu perguntar “Mas se o amor é fogo e é fogo o raio, como despedaça um fogo outro fogo?”.⁴³ A resposta não se fez esperar: “Entre fogo de amor e fogo material se vê a vantagem, se material é tão poderoso que forma um raio; se amoroso é tão valente que despedaça raios. Um raio é tão veemente que pode abrasar um mundo, um amor é tão flamante que pode destruir um raio”.⁴⁴ Para frei Amador da Conceição, no céu entrava o fogo das orações e das boas obras, conseqüentemente:

assim como do céu cai fogo para castigar as culpas, daqui infiro eu que duas matérias damos ao céu para despedir raios de fogo: uma fica entre as nuvens e delas se formam raios para o castigo, outra sobe até ao último céu e dela se formam raios para o favor [...]. Uma é o vapor das culpas, que entre as nuvens forma raios, outra o vapor das orações que rompendo por todos os céus, diante do mesmo Deus acende o fogo. De modo que assim as orações, como os vapores da terra, formam raios no céu, mas os raios de vapor caem das nuvens por castigo, os raios das orações caem do céu por exemplo, e como o fogo das orações de Santa Iria está ardendo diante de Deus na lâmpada de sua virtude, parece que não se formou do fogo das nuvens o raio que caiu, porque não queimou o mosteiro, antes nos deu a entender que se formou do fogo das suas orações, pois sem ofender o mosteiro se foi esconder dentro no seu lago.⁴⁵

Em suma, o raio foi entendido pelo pregador como um aviso às religiosas, cujo comportamento era impoluto:

todo o mosteiro estava santificado pelo martírio que santa Iria nele alcançou, mas que só o lugar onde recebeu o martírio merecia os efeitos do raio, pelo delito que ali se cometeu. Neste mesmo lugar costumava santa Iria fazer a sua oração e subindo esta ao altar do céu lá se decretou como das orações se havia o raio de formar. Desça o raio (diria Deus) entre no mosteiro mas faça só o golpe no lugar do martírio, para que assim avise as religiosas que estão santificadas pelo martírio da santa e por isso não as ofendeu o raio mas ao lugar do delito que onde se cometeu a maldade ali faz o raio seu efeito.⁴⁶

⁴³ CONCEIÇÃO, Fr. Amador da. *Sermam pregado no Mosteiro de Santa Iria*, *Op. cit.*, p. 6.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 7.

⁴⁵ *Ibidem*, p. 8.

⁴⁶ *Ibidem*, p. 9-10.

Frei Amador da Conceição não deixou de comparar Santa Iria a Ezequiel em pranto,⁴⁷ o profeta do século VI a.C., que defendeu uma renovação interior e que, durante o exílio na Babilônia, teria fundado uma escola junto do rio Quebar. E, mais à frente, entendeu salientar a capacidade humana, conferida por Deus, para vencer as tentações e seguir o caminho do bem, ao pregar: “em qualquer ação religiosa vos dá Deus um raio e uma lança para vencer as cegueiras. Há quarto de oração contra os pensamentos, eis uma lança; há penitência contra a tentação, eis um raio; há cilício contra a lascívia, lança; há correr véu contra os olhos, raio; há vestir estamena contra a pompa, lança; há cingir corda contra o apetite, raio”.⁴⁸

Se, como Federico Palomo chamou a atenção, a parenética estava sobretudo vocacionada para a difusão dos princípios doutrinários e morais da Igreja, também é certo que as questões políticas não ficavam alheias aos pregadores, constituindo uma arma valiosa que poderia encaminhar as populações num determinado sentido. O debate sobre a governação, a *res publica* e a imagem da monarquia nunca foram os principais objetivos da parenética⁴⁹ mas acabaram por estar presentes, fortalecendo a imagem da Coroa. Não esqueçamos que os sermões foram um discurso ao serviço do poder real e, simultaneamente, utilizado pelo mesmo poder até porque alguns dos seus autores eram pregadores régios, conseqüentemente estavam ao serviço da monarquia. Ora, esta perspectiva está escassamente representada na obra de frei Amador da Conceição. Efetivamente, apenas um sermão, impresso em 1670, se enquadra, ainda que parcialmente, nesta temática. Trata-se do *Sermam do Glorioso Martyr Sam Sebastiam pregado na Capella Real, aos 20 de Janeiro do anno de 1670*.⁵⁰

O sermão visava assinalar a criação por D. João III, em Almeirim, no ano de 1527, da confraria de São Sebastião e de São Roque, destinada a socorrer viúvas de fidalgos e cavaleiros pobres que tivessem falecido ao serviço da Coroa. Na mesma ocasião foi igualmente mandado construir o hospital de Nossa Senhora da Conceição. A confraria contou com os membros da família real, designadamente D. João III e D. Catarina, bem como os filhos e os irmãos do monarca, além de diversos fidalgos e ficou conhecida como confraria da Corte. Frei Amador da Conceição começou por lembrar no seu sermão – o primeiro e talvez o único que pregou perante o regente, o futuro D. Pedro II – que era pregador há três anos, o que nos indica que obtivera licença em 1667.

O orador especificou que a confraria da Corte fora criada “em ordem a se acudir aos que vêm à Corte das partes de África”.⁵¹ Em vários momentos do sermão, deteve-se sobre matérias relativas ao poder do monarca. Se bem que não tenha feito nenhum elenco sobre as qualidades que o príncipe deveria possuir, não deixou de

⁴⁷ CONCEIÇÃO, Fr. Amador da. *Sermam pregado no Mosteiro de Santa Iria*, *Op. cit.*, p. 17.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 20.

⁴⁹ PALOMO, Federico. *A Contra-Reforma em Portugal*. 1540-1700. Lisboa: Livros Horizonte, 2006, p. 78.

⁵⁰ CONCEIÇÃO, Frei Amador da. *Sermam do Glorioso Martyr Sam Sebastiam*, *Op. cit.*

⁵¹ *Ibidem*, p. 2 e 18.

referir a subordinação do poder real a Deus, bem como a necessidade de quem governa ser amado e liberal, no sentido de distribuir mercês de acordo com as diferentes categorias sociais. Finalmente, também não desprezou a figura de São Sebastião que “cercado de penas [é] advogado da peste, pois permite Deus que as mesmas penas que lastimaram o céu ferindo o corpo de seus defensores sejam aquelas que escrevem a receita para dar saúde”.⁵²

As elucubrações acerca do poder parecem as mais interessantes, no âmbito deste sermão. E, naturalmente, ligaram-se à faceta caritativa do monarca, o que se relacionou diretamente com a criação da confraria da Corte, ou de São Sebastião e de São Roque. Antes já referira e meditara sobre a coroa de Deus e a do rei, servindo-se da analogia com a romã:

a romã é um fruto a que a natureza deu a primazia da coroa e o encarnado da púrpura e quando um príncipe põe aos pés coroas, que por sua ordem compõem a natureza, há-de ter na cabeça uma coroa de Deus, que representa quatro pessoas [...] pessoas em que se representa o príncipe e não é Deus que aparece em pessoas pelo merecimento das coroas que o príncipe tem aos pés, lhe nomeia Deus quatro merecimentos, como príncipe que por quatro pessoas merece.⁵³

Se este primeiro articulado não é dos mais claros, ao tentar evidenciar as características de Deus e do monarca, já outros se tornam mais evidentes, ao referirem poder, discrição, modéstia e, em especial, a capacidade de ajudar cada um segundo as suas necessidade e condição:

um príncipe que tendo olhos para dominar quanto vê, os quer por em terra só para dissimular quanto pode, esta ação heroica é a digna de um príncipe porque no baixar dos olhos se faz mais amado, quando no poder da coroa é de todo temido.⁵⁴
esta é a pensão de quem quer obrar como príncipe, pôr-se no meio de todos, para não desamparar nenhum [...] do braço do príncipe sai o vestido para o pobre, a renda para o poderoso, o estado para o grande.⁵⁵

Não foi a única vez que frei Amador da Conceição abordou o tema do poder na sua produção parenética. O sermão de ação de graças, pregado em Alenquer, em 1706, por ocasião da eleição do provincial da ordem de São Francisco, o padre frei Francisco de São Boaventura, deu aso a reflexões sobre o poder e, em especial, aos merecimentos e às qualidades necessárias para quem o exerce.⁵⁶ Como em qualquer

⁵² CONCEIÇÃO, Frei Amador da. *Sermam do Glorioso Martyr Sam Sebastiam*, *Op. cit.*, p. 16.

⁵³ *Ibidem*, p. 6.

⁵⁴ *Ibidem*, p. 7.

⁵⁵ *Ibidem*, p. 10.

⁵⁶ CONCEIÇÃO, Frei Amador da. *Sermam da Quinta Domingo da Quaresma em Açam de Graças pelo Capitulo que se celebrou em Alenquer no Convento de S. Francisco da Provincia de Portugal*,

eleição, houve expectativas e frustrações e a que se realizou para a escolha do provincial franciscano não constituiu uma exceção. Nesse sentido, o léxico utilizado pelo pregador pretendeu revelar e transmitir compreensão, consolação e quietude à comunidade que parecia estar a viver alguma agitação:

Pelo que dá e ainda pelo que não deu havemos de dar hoje a Deus graças; pelo que dá, porque dá tudo, e pelo que não deu, porque ainda que dê tudo sempre lhe fica que dar”. Eis aqui a política de Deus pouco aceite nos capítulos. Os acomodados parece que levam tudo, os desacomodados nada; mas a todos acomoda Deus, porque suposto pareça dá tudo a uns, ainda lhe fica mais que dar a outros. Homens enfim, e sempre queixosos. Queixam-se os lugares, queixam-se os beneméritos, queixam-se os não admitidos. Os lugares porque não têm sujeitos, os beneméritos porque mal premiados, os não admitidos porque ficam exclusivos. Porém, neste dia, ainda com as queixas na boca, devemos levantar as mãos dar a Deus as graças. E porquê? Porque consideramos os lugares satisfeitos, os beneméritos premiados e os não admitidos conformes.⁵⁷

Em seguida, o pregador tocou num ponto sensível, ao considerar que os lugares, entenda-se os cargos, deveriam ser para quem os aceitava e não para quem se oferecia,⁵⁸ numa eventual crítica a algum membro da comunidade. Por outro lado, entendeu que os não admitidos deveriam ter presente que, quando Deus escolhe, “chama a muitos e escolhe a poucos”. Logo, os que ficaram sem os lugares “são os que devem mais dar a Deus as graças”.⁵⁹ Numa outra passagem, a preocupação de consolar e apaziguar situações desagradáveis, tê-lo-á levado a pregar:

vemos sujeitos com muitas letras, com grandes perfeições de virtudes e talvez queixosos de os porem a um canto. Não têm razão, porque a estes já Deus lhes pagou com as letras e virtudes porque são estimados; aos mais lhes quer também pagar com os lugares e por isso são os conduzidos [...]. A estes com letras, àqueles com virtudes a outros com lugares, e faz esta repartição para que se não possa queixar a virtude, se lhe faltarem as letras e menos se devem queixar as letras quando lhes falte o lugar. É verdade que as letras e as virtudes são para os lugares as mais necessárias e lhes dão o maior esplendor, assim o vemos hoje no lugar do nosso prelado.⁶⁰

Com estas palavras, frei Amador da Conceição salvaguardou, compreensivelmente, a posição do novo provincial da Ordem de São Francisco, frei Francisco de São Boaventura, que, aparentemente, não foi autor de qualquer obra, ao mesmo tempo que, parte do seu discurso, parece ter sido consentâneo com provérbios que

em 20 de Março deste presente anno de 1706, oferecido ao M. R. P. M. Jubilado frei Francisco de S. Boaventura, eleyto Provincial no mesmo Capitulo. Lisboa: Oficina de Manuel e José Lopes Ferreira, 1706.

⁵⁷ CONCEIÇÃO, Frei Amador da. *Sermam da Quinta Dominga da Quaresma*, *Op. cit.*, p. 5.

⁵⁸ *Ibidem*, p. 6.

⁵⁹ *Ibidem*, p. 19.

⁶⁰ *Ibidem*, p. 13.

corriam no século XVII, tais como: “assaz é de pouco saber, quem se mata pelo que não pode haver”, “nem todos os que vão ao estudo são letrados”.⁶¹

4. A pregação ultrapassava a área espiritual e religiosa, havendo que distinguir as prédicas das ações missionárias, evangélicas e penitenciais destinadas a pessoas pouco catequizadas e analfabetas e a oratória culta, cidadina, cortesã, de carácter mais político, a qual estava muitas vezes a cargo do pregador régio, um profissional preparado para desempenhar tais funções.⁶² O sermão enquanto instrumento de utilidade catequética ou política era um importante meio de propaganda e de ataque, daí o interesse em ser publicado, uma vez que assim chegava também aos que o não tinham ouvido. O conteúdo dos sermões continuava, deste modo, a ser objeto de discussão por parte dos leitores cultos. A parenética era, nas palavras de Lina Bolzoni, um elemento da vida social⁶³ e um sucedâneo da educação doutrinal.⁶⁴

Não esqueçamos que o sermão integrou um dos mecanismos pedagógicos de disciplinamento social.⁶⁵ Na verdade, se tivermos em conta o posicionamento de Erminia Ardissimo, que defende a educação dos fiéis como o mais ambicioso projeto da Igreja após o Concílio de Trento, não poderemos estranhar que a pregação tenha assumido um papel relevante. Nela se depositaram esperanças de renovação da vida espiritual e, para tal objetivo ser atingido, recorreu-se aos instrumentos de persuasão

⁶¹ DELICADO, António. *Adagios Portugêses reduzidos a lugares comuns*. Nova edição revista e prefaciada por Luís Chaves. Lisboa: Livraria Universal, 1923, p. 176, 250. A primeira edição da obra é de 1651.

⁶² Sobre os diferentes tipos, cf. AMBRADI, Domenico Ambrasi. Panegirici e Panegiristi a Napoli tra Seicento e Settecento. In: MARTINA, Giacomo; DOVERE, Ugo (Dir.). *La Predicazione in Italia dopo il Concilio di Trento tra Cinquecento e Settecento*. Roma: Edizioni Dehoniane, 1996, p. 347-389; MARQUES, João Francisco. Oratória Sacra ou Parenética, *Op. cit.*, p. 470-510.

⁶³ BOLZONI, Lina. Oratoria e Prediche. In: ROSA, Alberto Asor (Dir.). *Letteratura Italiana*. v. 3 (*La Forma del Testo: II. La Prosa*). Turim: Einaudi, 1984, p. 1065.

⁶⁴ DI FILIPPO, Claudia di. Pastorale Tridentina ed Educazione degli Adulti nelle Zone Retiche e Ticinesi all'Epoca di Carlo Borromeo. In: BAGLIANI, Agostino Paravicini; RIGOSO, Antonio (Dir.). *La Comunicazione del Sacro (secoli IX-XVIII)*. Roma: Herder, 2008, p. 337.

⁶⁵ Sobre este conceito, cf. SCHULZE, Winfried. Il Concetto di 'Disciplinamento Sociale nella prima Età Moderna' in Gerhard Oestreich. *Annali dell'Istituto Storico Ítalo-Germanico in Trento*, Bolonha, v. 18, 1992, p. 371-411; REINHARD, Wolfgang. Disciplinamento Sociale, Confessionalizzazione, Modernizzazione. Un Discorso Storiografico. In: PRODI, Paolo; PENUTI, Carla (Dir.). *Disciplina dell'Anima, Disciplina del Corpo e Disciplina della Società tra Medioevo ad Età Moderna*. Bolonha: Società Editrice Il Mulino, 1994, p. 101-123; SCHILLING, Heinz. Chiese Confessionali e Disciplinamento Sociale. Un Bilancio Provvisorio della Ricerca Storica. In: PRODI, Paolo; PENUTI, Carla (Dir.). *Disciplina dell'Anima, Op. cit.*, p. 125-160; *Idem*. L'Europa delle Chiese e delle Confessioni. In VISCEGLIA, Maria Antonietta. *La Radici Storiche dell' Europa. L'Età Moderna*. Roma: Viella, 2007, p. 69-81; PROSPERI, Adriano. Riforma Cattolica, Contrariforma, Disciplinamento Sociale. In: DE ROSA, Gabriele; GREGORY, Tulio (Dir.) *L'Età Moderna*. Roma, Bari: Laterza, 1994, p. 3-48; *Idem*. *Tribunali della Coscienza. Inquisitori, Confessori, Missionari*, Turim: Einaudi, 1996; PALOMO, Federico, 'Disciplina Christiana'. Apuntes Historiográficos en torno a la Disciplina y el Disciplinamento Social como Categorías de la Historia Religiosa de la Alta Edad Moderna. *Cuadernos de Historia Moderna*, Madrid, n. 18, 1997, p. 119-136; BRAMBILLA, Elena. *La Giustizia Intolerante. Inquisizione e Tribunali Confessionali in Europa (secoli IV-XVIII)*. Roma: Carocci Editore, 2006. No que se refere concretamente às mulheres, cf. CANDAU CHACÓN, María Luisa. Disciplinamiento Católico e Identidad de Género. Mujeres, Sensualidad y Penitencia en la España Moderna. *Manuscrits*, v. 25, Madrid, 2007, p. 21-237.

clássicos, humanísticos e até os que eram produtos da nova cultura. A oratória permitiu, assim, dar ordem e certeza ao mundo e coerência ao dogma. Se excetuarmos a confissão, era o único meio de ouvir a palavra de Deus em língua vulgar, consequentemente uma poderosa arma para a conquista da mente e uma importante via de formação da consciência e da espiritualidade dos fiéis.⁶⁶

Artigo recebido em 30 de maio de 2016.

Aprovado em 26 de junho de 2016.

⁶⁶ ARDISSIMO, Erminia. *Il Barroco e il Sacro*. La Predicazione del Teatino Paolo Aresi tra Letteratura, Immagini e Scienza. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2001, p. 10-17.